

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
CURSO DE PEDAGOGIA**

LOUISELENE RAMALHO MATTA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO: ANÁLISE DO FILME "COMO ESTRELAS
NA TERRA" NA PERSPECTIVA DE
HENRI WALLON**

**BRAGANÇA PAULISTA
2023**

LOUISELENE RAMALHO MATTA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO
PROFESSOR-ALUNO: ANÁLISE DO FILME "COMO ESTRELAS
NA TERRA" NA PERSPECTIVA DE
HENRI WALLON**

Trabalho Conclusão Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAAT, sob orientação da Profa. Dr^a. Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner

**BRAGANÇA PAULISTA
2023**

Silva, Louiselene Ramalho Matta da
S581i A importância da afetividade na relação professor-aluno: análise do
filme "Como estrelas na terra" na perspectiva de Henry Wallon /
Louiselene Ramalho Matta da Silva - 2023.
38 f.; 30 cm.

Orientação: Prof.^a. Cássia Aparecida Sales Magalhães Kirchner.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Centro Universitário
UNIFAAT, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia do Centro Universitário UNIFAAT, 2023.

1. Afetividade 2. Henry Wallon 3. Relação professor-aluno I Kirchner,
Cássia Aparecida Sales Magalhães Barroso II. Título

CDD 378.125

Ficha elaborada por Valéria Matias da Silva Rueda - CRB8 9269

Dedico este trabalho a meu avô,
Aurélio Ramalho Matta (in
memoriam) por ter prezado pela
minha educação e ser minha maior
referência.

Meu herói favorito.

AGRADECIMENTOS

“Pois Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre! Amém.” (Romanos 11:36). Primeiramente à Deus, pois sem Ele nada disso seria possível. Por todas as vezes em que pedi sabedoria para escrever cada palavra desse trabalho e assim fluir a escrita.

Agradeço à minha mãe, por acreditar nos meus sonhos mais do que eu mesma. Você é minha inspiração. À minha avó, pela compreensão e paciência nesse período.

À minha irmã, por todo apoio e incentivo a continuar até o final. Aos meus sobrinhos, Brayan, Ester e Leonardo, minhas crianças favoritas e ao Richard Lucas, por trazerem alegria e leveza nos dias pesados. Minha família, maior motivação para os meus dias. Eu amo vocês!

Agradeço as minhas orientadoras, sendo a profa. Dr^a Hilda a responsável por iluminar o caminho e a profa. Dr^a Cássia, por trilhar esse caminho ao meu lado, me guiando até o destino final, abrindo as portas durante o processo.

Agradeço as minhas amigas Emile e Jaine, pela disponibilidade quando eu precisei fugir dessa realidade; a minha amiga Gabriela Viana, por estar comigo percorrendo o mesmo caminho, onde podemos compartilhar as experiências e dificuldades. Uma apoiando a outra, do começo ao fim. É um prazer finalizar esse ciclo com você e ter a certeza de que caminharemos juntas nessa profissão.

À minha psicóloga Débora, por me fazer acreditar que era capaz de finalizar esse trabalho mesmo em meio ao caos da minha cabeça.

As minhas amigas do trabalho, com quem divido maior parte do meu dia, por estarem no mesmo barco e compartilharem experiências que agregam.

E por último, mas não menos importante, agradeço imensamente aos alunos da escola onde trabalho, por serem o motivo da escolha desse tema, me mostrando na prática o valor da afetividade. Vocês têm meu coração.

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim “affetare”, quer dizer “ir atrás”. É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.

(Rubem Alves)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – AS CONTRIBUIÇÕES DE HENRI WALLON SOBRE AFETIVIDADE	10
1.1 A afetividade na perspectiva de Wallon.....	11
1.1.1 Estágio Impulsivo-emocional - “O que sou?”	12
1.1.2 Estágio Sensório-motor e projetivo - “Eu sou diferente dos objetos. ”	12
1.1.3 Estágio do personalismo – “Eu sou diferente dos outros. ”.....	13
1.1.4 Estágio categorial – “O que é o mundo? ”	14
1.1.5 Estágio da puberdade/adolescência – “Quem sou eu? Quais são os meus valores? Quem serei no futuro? ”	14
1.2 Afetividade e interação na relação professor-aluno.....	15
CAPÍTULO 2 - CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	21
2.1. Os desafios enfrentados no ambiente escolar por uma criança atípica	22
2.2 A construção do vínculo afetivo: planejamento, compreensão e acolhimento.....	26
2.3 A afetividade como recurso para promover a aprendizagem	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36

INTRODUÇÃO

Desde o seu nascimento, segundo Mahoney (1999, p. 233) o ser humano é envolvido pela afetividade. O afeto desempenha um papel fundamental em seu desenvolvimento e no estabelecimento de boas relações sociais. É um dos conjuntos funcionais da pessoa, atuando juntamente com a cognição e o ato motor e sendo assim relacionados entre si profundamente. Dessa forma, segundo Wallon (1981) não podemos pensar a criança de forma fragmentada, mas como um ser integral em contínua metamorfose de acordo com sua idade.

Os estudos de Martins e Santos (2020) explicam que a afetividade exerce papel fundamental nas relações, influenciando o interesse na aprendizagem, a percepção, a autoestima, memória, vontade e ações, favorecendo a construção da personalidade humana.

As mesmas autoras, analisando as ideias de Vygotsky, apresentam a seguinte definição:

[...] a afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino-aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação entre professor e aluno. (Vygotsky, 1998, p. 42 *apud* Martins e Santos, 2020, p.2)

Sendo assim, de acordo com as definições acima, não se deve limitar o conceito de afetividade somente a demonstrações de amor e carinho, como muitos julgam ser. A afetividade permite ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções, podendo acontecer de uma forma positiva ou negativa. É a capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno, se modificando através das situações que ocorrem ao indivíduo.

Para Tassoni (2000) a relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas, tendo início no âmbito familiar e tendo como base a afetividade, “[...], portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem.” (Idem, p. 2)

Ainda nos estudos de Tassoni (2000, p. 3) ela destaca que “o papel do vínculo afetivo, inicialmente apresenta-se na relação pai-mãe-filho. [...], os vínculos afetivos são ampliados e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem, na época escolar.”

Barbosa (2020) cita em seus estudos a ideia de Davis e Oliveira:

[...] a afetividade é um dos fatores que favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, fazendo com que o indivíduo aprenda através dos sentimentos, das emoções e das experiências que são trocadas na interação com o outro. Por isso, a afetividade é muito importante na vida das pessoas desde o nascimento e porque é a primeira fase do desenvolvimento humano. O ser humano é um ser afetivo, mas com o passar do tempo acaba se tornando racional. (Davis e Oliveira, 1994 *apud* Barbosa, 2020, p. 1).

Segundo Medeiros (2017, p. 3) é nítida a relevância do tema afetividade, para que a relação entre professor e estudante seja construída e embasadas no respeito mútuo, refletindo diretamente nos processos de ensino e aprendizagem, pois quando o indivíduo é motivado e integrado, ele alcança com mais facilidade os objetivos propostos pela escola.

De acordo com os estudos de Placco (2007, p. 11), a teoria de desenvolvimento humano de Henri Wallon “[...] possibilita aprofundar nossa compreensão do papel de afetividade na vida psíquica e no processo ensino-aprendizagem, valorizando, [...] a relação entre indivíduo e meio social”.

Este trabalho tem por tema a análise da importância da afetividade na relação professor-aluno, no processo de aprendizagem, na perspectiva do teórico Henri Wallon. Para tal, serão utilizados trabalhos relacionados às contribuições do autor, em especial os estudos realizadas por Mahoney e Almeida; Leite e Tassoni, por suas pesquisas embasadas nas teorias de Wallon com ênfase na influência da afetividade nas práticas pedagógicas, fazendo relação do tema com a realidade escolar.

A escolha deste trabalho justifica-se pela relevância do tema, tendo em vista que a cada ano aumenta o número de escolas em período integral, o que faz com que as crianças passem mais tempo dentro das escolas, assim se dá a importância de compreender como a afetividade influencia no processo de aprendizagem e contribui para a formação integral do aluno, no desenvolvimento de todas as dimensões: afetiva, intelectual, física, social e cultural.

Considerando a importância da temática deste trabalho, pretende-se investigar qual a influência da afetividade no desenvolvimento da aprendizagem de crianças entre os 6 a 10 anos e quais as contribuições oferecidas por uma postura afetiva do professor na prática da sala de aula. Desse modo, a investigação tem por objetivo geral analisar a influência da afetividade no processo de aprendizagem na Educação Básica. Como objetivos específicos o trabalho se propõe a: conceituar a afetividade na perspectiva de Wallon; descrever situações em que a afetividade se estabelece na relação professor-aluno; e explorar práticas afetivas adotadas pelos professores no ambiente escolar.

Para fundamentação do trabalho foi realizada pesquisa bibliográfica, leitura e estudo de livros físicos, livros digitais, revistas digitais, artigos acadêmicos, dissertações e teses que abordam o tema. O levantamento desses materiais foi feito através de bibliotecas virtuais, físicas, revistas digitais, websites: *Scielo*, Google Acadêmico e repositórios. Para a descrição de situações em que a afetividade se estabelece na relação professor-aluno e explorar práticas afetivas adotadas pelos professores no ambiente escolar foi realizada a análise do filme do cinema indiano “Como estrelas na terra”.

O texto foi organizado em dois capítulos, no primeiro foi abordado as contribuições de Henri Wallon sobre a afetividade e a descrição dos estágios de desenvolvimento, trazendo características e o papel da afetividade em cada estágio. O primeiro capítulo também aborda a afetividade e interação na relação professor-aluno, com exemplos de como a prática pedagógica afetiva pode influenciar de forma positiva ou negativa no processo de aprendizagem.

No segundo capítulo através da análise do filme “Como estrelas na Terra”, foi abordado as contribuições da afetividade na relação professor-aluno, descrevendo situações em que a afetividade se estabelece nessa relação e como ela pode favorecer a aprendizagem. Ainda no segundo capítulo foram abordados os desafios que uma criança atípica enfrenta no ambiente escolar e traz a reflexão da importância de um olhar afetivo do professor nesse momento; como construir um vínculo afetivo através das práticas pedagógicas e a afetividade como um recurso para promover a aprendizagem e são tecidas as considerações finais sobre o trabalho desenvolvido.

CAPÍTULO 1 – AS CONTRIBUIÇÕES DE HENRI WALLON SOBRE AFETIVIDADE

Este capítulo se destina a apresentar e analisar as contribuições de Henri Paul Hyacinthe Wallon, que segundo os estudos de Ribeiro (2017) nasceu em 1879 em Paris, França. Graduou-se em filosofia, em 1902 e poucos anos depois, em 1908 formou-se em medicina. Também foi psicólogo e político francês. Entre os anos de 1908 a 1931, se dedicou ao trabalho com crianças com deficiência mental. Atuou como médico na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) ajudando a cuidar de pessoas com distúrbios psiquiátricos (Assis *et al.*, 2022).

Após a guerra, passou a atuar como médico em instituições psiquiátricas a partir de 1920, ano que também deu início às ministrações em conferências, para falar sobre a psicologia da criança, passando a influenciar significativamente o meio educacional (Assis *et al.*, 2022).

Os estudos de Wallon sobre a evolução psicológica das crianças foram fundamentados nos estudos de Freud e Piaget, direcionando sua pesquisa na necessidade da prática pedagógica e no atraso escolar pela faixa etária das crianças.

A teoria dos “estágios do desenvolvimento psicomotor” abordou cinco estágios, os quais foram publicados em cinco livros. Em cada uma de suas obras Wallon destacou um ou dois estágios. As obras que abordam esses estágios são: “*A criança turbulenta*” (1925), onde foram abordados os dois primeiros estágios; “*Origens do caráter da criança*” (1934), com o desenvolvimento dos dois primeiros estágios; “*Do ato ao pensamento*” (1942), nessa obra o estágio do personalismo foi desenvolvido, iniciando também o desenvolvimento do estágio categorial, porém não finalizado; “*As origens do pensamento da criança*” (1945), finalizando o estágio categorial e; “*A vida mental da criança*” (1938), onde Wallon aborda do primeiro ao quinto estágio de desenvolvimento.

Wallon demonstrava grande interesse pelo ambiente escolar, considerando a escola um dos meios de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças. Assim, o papel da escola e do professor enquanto facilitador para o desenvolvimento psíquico, social e cultural da criança contribuem para a construção do indivíduo enquanto pessoa na Sociedade (Assis *et al.*, 2022).

Neste capítulo serão apresentadas as contribuições de Wallon para estudos relacionados à afetividade e os estágios de desenvolvimento propostos pelo autor e a importância da afetividade e interação na relação professor-aluno.

1.1 A afetividade na perspectiva de Wallon

A teoria dos “estágios do desenvolvimento”, elaborada por Wallon, aborda cinco estágios, onde ocorre a alternância entre aspectos afetivos e cognitivos, sendo eles: impulsivo-emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial; e puberdade e adolescência. Wallon tinha um olhar integral para o indivíduo, valorizando a cognição, afetividade e a psicomotricidade, que ficaram conhecidos como os campos funcionais.

Segundo Galvão (1995, *apud* Ribeiro, 2017, p. 24), “[...] foi tentando compreender o psiquismo humano, que Wallon passou a investigar a criança nos vários campos de sua atividade e nos vários momentos da sua evolução psíquica”.

Ribeiro ainda traz que:

[...] ele voltou todo o seu trabalho para o desenvolvimento em seus domínios afetivo, cognitivo e motor, com o objetivo de mostrar quais são as diferentes etapas do desenvolvimento humano, os vínculos entre cada campo e suas implicações na formação da personalidade. (Ribeiro, 2017, p. 24).

Nos estudos de Dourado e Prandini (2012), as autoras trazem o conceito central da teoria de Wallon descrito por Mahoney:

[...] o motor, o afetivo, o cognitivo, a pessoa, embora cada um desses aspectos tenha identidade estrutural e funcional diferenciada, estão tão integrados que cada um é parte constitutiva dos outros. Sua separação se faz necessária apenas para a descrição do processo. Uma das consequências dessa interpretação é de que qualquer atividade humana sempre interfere em todos eles. Qualquer atividade motora tem ressonâncias afetivas e cognitivas; toda operação mental tem ressonâncias afetivas e motoras. E todas essas ressonâncias têm um impacto no quarto conjunto: a pessoa. (Mahoney, 2000, p.15, *apud* Dourado e Prandini, 2021, p. 26.)

No Brasil, segundo Gratiot-Alfandéry (2010), foi a partir dos anos 80 que o campo educacional e estudos de psicologia despertaram interesse na pesquisa e teoria walloniana, se caracterizando nesse tempo, um período de reconhecimento da obra de Wallon. E já nos primeiros anos do século XXI, observou-se a incorporação da abordagem na educação e na psicologia.

Nesse período foram identificados cerca de mil trabalhos com referência a Henri Wallon, e “é possível apontar ao menos seis conjuntos temáticos que parecem concentrar os interesses dos estudiosos e pesquisadores brasileiros” (Gratiot-Alfandéry, 2010, p. 39), sendo a “afetividade” um tema destaque em cerca de trinta estudos. Em 2001 e 2009, identificaram um conjunto expressivo de estudos que têm por referência teórica de base, as contribuições de Wallon, na área do desenvolvimento infantil.

Em seguida, este trabalho apresenta um pouco mais sobre os estágios de desenvolvimento, a partir das contribuições de Ribeiro (2017), Dantas (1992) e trazendo também a contribuição de Mahoney e Almeida (2005), que trazem em seus estudos, o papel da afetividade no processo ensino-aprendizagem nos diferentes estágios:

1.1.1 Estágio Impulsivo-emocional - “O que sou?”

Abrange o primeiro ano de vida, sendo dividido em dois períodos: **o impulsivo** (0 aos 3 meses) e **o emocional** (3 meses ao 1 ano). No primeiro período, os atos da criança têm por objetivo chamar a atenção do adulto, para que suas necessidades básicas de alimentação e higiene sejam satisfeitas. Já no segundo período, através de sorrisos, sinais de contentamento, a criança contagia o adulto, sendo o começo da criação de laços afetivos.

Segundo Dantas (1992, p. 97) “O vínculo afetivo supre a insuficiência da inteligência no início. ” Assim, nessa primeira etapa, o que domina são as relações emocionais com o ambiente.

Para Mahoney e Almeida (2005, p. 22) o recurso de aprendizagem nesse momento é a fusão com outros. O processo ensino-aprendizagem nesse estágio, exige respostas corporais, o toque físico, o segurar, carregar, o aconchego de seu cuidador. É através dessa fusão que a criança participa do ambiente de forma intensa, se familiariza, iniciando um processo de diferenciação.

1.1.2 Estágio Sensório-motor e projetivo - “Eu sou diferente dos objetos. ”

Abrange dos três meses até aproximadamente os três anos de idade. É quando a criança quer explorar o mundo físico, com maior autonomia para

manipular objetos. A criança explora e investiga o ambiente. Predomina nesse período a imitação. Todo interesse da criança se volta para o mundo exterior, quer conhecer tudo através da exploração e começa a aprender por meio de ações que ela estabelece. Wallon chama essa etapa de projetiva pois a criança por muito tempo ainda se apoia nos gestos que a transportam, o ato mental projeta-se em atos motores. Para Gratiot-Alfandéry (2010, p.34), os aspectos discursivos se destacam nessa etapa, pois “por meio da imitação favorecem a aquisição da linguagem. ”

Nesse período, o lado afetivo no processo ensino-aprendizagem é revelado pela disposição do professor em propor atividades em que todos os estudantes participem de forma igualitária, oferecendo às crianças diversas situações e se dispondo em responder aos questionamentos constantes sobre o mundo exterior, facilitando assim para que o estudante se diferencie em relação aos objetos. (Mahoney e Almeida, 2005, p. 22).

1.1.3 Estágio do personalismo – “Eu sou diferente dos outros. ”

Ocorre dos três aos seis anos de idade. Nessa etapa há o predomínio da afetividade. É quando se inicia a formação da personalidade da criança, havendo três momentos nesse período, sendo o primeiro, a busca por autonomia, o uso contínuo do “não”, se opondo aos adultos, confrontando-os para que a sua vontade seja aceita. O que Piaget descreve como estágio pré-operacional ou simbólico, descrevendo a criança nesse estágio como egocêntrica, onde ela é o centro de tudo, tendo extrema dificuldade em se colocar no lugar do outro, o que a impede de estabelecer relações de reciprocidade. (La Taille, 1992, p. 15)

Logo depois, vem a busca por aceitação, para se sentir aceita, podendo ser transmitida por crises de ciúmes, buscando a atenção toda para ela. E por último, quer substituir o outro por meio de imitações motoras e de posturas sociais. Começa a imitar o outro, para representá-lo e assim, aos poucos, deixa de precisar desse outro. A criança começa a perceber suas preferências e gostos, percebe que em alguns momentos, têm gostos diferentes dos demais ao seu redor.

Sendo assim, nesse estágio, para o processo ensino-aprendizagem, é necessário oferecer atividades diferentes, e permitir que a criança escolha

aquelas que mais chamam a sua atenção. “Do ponto de vista afetivo, é importante reconhecer e respeitar as diferenças que começam a despontar. ” (Mahoney e Almeida, 2005, p. 23) A criança precisa saber que está sendo vista, que as diferenças dela são importantes, assim como de todos os outros que estão ali naquele grupo. Dar a elas a oportunidade de se expressarem da forma como são, diferentes umas das outras.

1.1.4 Estágio categorial – “O que é o mundo? ”

Inicia-se por volta dos seis anos, e se estende até os onze anos de idade. Nesse estágio a criança desenvolve as capacidades de memória e atenção. É o estágio de ingresso ao ambiente escolar, a participação em diferentes grupos.

A criança passa a conhecer o mundo exterior, e começa a substituir as atividades espontâneas por atividades intencionais. Predomina a razão, a inteligência e a exterioridade.

Um ponto importante nesse estágio segundo Mahoney e Almeida (2005, p. 23) é saber e aceitar que todo conhecimento novo para a criança na sua aprendizagem, implica um período de imperícia, onde a criança irá demonstrar dificuldades para realizar as atividades propostas, mas deve-se considerar esse momento como parte integrante do processo ensino-aprendizagem, pois ao longo do processo essa imperícia será substituída pela competência.

1.1.5 Estágio da puberdade/adolescência – “Quem sou eu? Quais são os meus valores? Quem serei no futuro? ”

Tem início por volta dos onze ou doze anos de idade. Devido às mudanças hormonais, também existem as mudanças de personalidade, se adequando e se moldando de acordo com cada criança e o ambiente em que está inserida. Também é o estágio onde surgem os conflitos emocionais. Um grande passo de transição para a fase adulta. Nesse estágio há uma exploração de si mesmo, submete-se em grupos e se opõe aos adultos com quem convive. Aprofunda as diferenças entre valores, sentimentos e ideias do eu e do outro.

O que facilita o processo ensino-aprendizagem nesse estágio, no ponto de vista afetivo, é permitir que os estudantes se expressem, que possam discutir

as diferenças, para compartilhar ideias, sentimentos e valores, respeitando os limites.

Segundo Mahoney e Almeida, a forma de afetividade facilitadora exige a colocação de limites. “Limites que facilitam o processo ensino-aprendizagem, garantindo o bem-estar de todos os envolvidos, são também uma expressão de afetividade”. (2005, p. 24)

Esses são os estágios de desenvolvimento segundo Wallon, mas vale ressaltar que para ele o desenvolvimento não finaliza na adolescência, mas se estende por toda a vida do indivíduo, sendo um processo contínuo.

Como traz Gratiot-Alfandéry (2010, p. 36), “Afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida”.

1.2 Afetividade e interação na relação professor-aluno

Conforme apresentado acima, Wallon organizou seus estudos sobre o desenvolvimento humano em etapas consecutivas, nas quais é possível observar uma alternância entre afetividade e cognição e as conquistas alcançadas em cada uma são empregadas em ambas.

Na perspectiva de Vygotsky as interações sociais ganham importância a partir da inserção do sujeito na cultura. Essa inserção acontece por meio das interações sociais com pessoas significativas que estão no ambiente da criança (Leite & Tagliaferro, 2005). Dando esse destaque para as interações sociais Vygotsky ressalta o conceito de mediação. A ideia de mediação propõe que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas e para a criança isso ocorre através da inserção cultural promovida pelas pessoas com quem convive, entre elas, o professor.

Ambos, Wallon e Vygotsky estabelecem uma relação entre afeto e cognição, superando a visão dualista de homem. Os aspectos afetivos e cognitivos se entrelaçam constantemente durante cada fase do desenvolvimento e sobre isso, Galvão traz o destaque dos conceitos de alternância e preponderância funcionais:

Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao

reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação (Galvão, 1996, p. 45 *apud* Leite e Tassoni, 2002, p. 6)

Assim, pode-se dizer que a relação entre o estudante e o objeto de conhecimento não é somente cognitiva, mas também afetiva. Assim se dá a importância das práticas pedagógicas que o professor desenvolve, pois são elas que irão mediar a relação entre o estudante e os objetos de conhecimento, no caso, os conteúdos escolares. “Pode-se assumir, portanto, que o sucesso da aprendizagem dependerá, em grande parte, da qualidade dessa mediação” (Leite e Tagliaferro, 2005, p. 248).

Os autores Leite e Tassoni (2013), realizaram uma pesquisa em uma escola da rede privada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, com o intuito de analisar a “influência dos aspectos afetivos no processo ensino-aprendizagem”, observando como os acontecimentos da sala de aula, principalmente as ações realizadas pelos professores, afetam a aprendizagem dos estudantes e a sua relação com os objetos de conhecimento. Nessa pesquisa, os autores destacam algumas ações e como elas afetam o desenvolvimento das crianças, sendo elas:

a) As formas de o professor ajudar os alunos. Nesse ponto, destacou-se a disponibilidade do professor em auxiliar os estudantes em sala de aula, atendendo às necessidades de cada um. Essa disponibilidade se dá por meio de ações pedagógicas efetivas, como por exemplo: quando o professor além de explicar a atividade, também mostra como se faz; traz exemplos; explica de forma clara e objetiva; ensina aos estudantes como realizar os estudos; tem mais de uma forma de explicar, para o caso de algum estudante não entender a explicação, ele tentar de outra forma, para que ninguém fique sem compreender o conteúdo; dar ideias; auxiliar de carteira em carteira quando necessário e etc., são maneiras de fazer com que o estudante sinta o apoio do professor, o incentivo para continuar aprendendo (Leite e Tassoni, 2013);

b) As formas de falar com os alunos. De forma coletiva ou individual, a forma como o professor se dirige aos alunos, pode interferir no processo de aprendizagem, com destaque ao vocabulário usado por ele, o tom de voz e o conteúdo que ele passa. A fala do professor pode gerar nos alunos, tanto

tranquilidade como ansiedade, a depender do que for dito e o tom de voz utilizado, o que pode afetar a compreensão para realizar as atividades. Também é preciso que o professor tenha clareza e bom vocabulário, para ajudar os estudantes a lidarem com as diversas situações, inclusive as mais difíceis que possam enfrentar. Para os estudantes é importante compreender o que os professores dizem, para que aprendam com sucesso (idem, p 265).

Portanto, é possível inferir que o que se diz e a maneira como se diz, fazem emergir sentimentos de naturezas diversas nos alunos, que interferem na sua aprendizagem e na relação com o objeto de conhecimento, independente da série/ano que estão (Ibidem, 2013, p. 265).

c) As atividades propostas. É preciso que o professor desenvolva atividades que sejam relevantes para seus alunos, para que haja maior envolvimento e interesse por parte deles, podendo utilizar desse momento para promover maior significado para a aprendizagem. Para isso, o professor pode relacionar as atividades com o cotidiano de seus alunos, situações vivenciadas por eles, sendo possível também utilizar de procedimentos como: desenhar, debater, discutir assuntos da mídia, dar oportunidade para os estudantes expressarem suas ideias e opiniões sobre o assunto, escrever, pintar, interpretar, entre outros. “Para Wallon, a educação deve atender às necessidades, interesses e aptidões dos alunos” (Leite e Tassoni, 2013, p. 265). O desejo de aprender e vivenciar experiências de sucesso, motiva os alunos, de forma que também motiva os professores que desejam ensinar bem e se interessam em proporcionar aos alunos, essas experiências de sucesso.

d) As aprendizagens que vão além dos conteúdos. Além dos conteúdos escolares, os professores em sala de aula, contribuem para o desenvolvimento integral de seus alunos, de forma a se preocupar com os aspectos emocional; físico; intelectual e social. Sendo assim, destacou-se nas pesquisas que as aprendizagens não ligadas aos conteúdos escolares, interferem na aprendizagem dos conteúdos formais. São exemplos dessas aprendizagens: o professor se preocupar com a postura de seus alunos; os ensinar a manusear corretamente materiais como cola e tesoura; quando o professor percebe que um estudante está mais agitado ou nervoso, e reconhece que tais aspectos afetam a aprendizagem e assim o professor propõe uma

atividade em que esse estudante possa trabalhar com um colega mais calmo para auxiliá-lo; momentos em que o professor ensina também aos estudantes coisas para a vida, diante das situações que os estudantes trazem de seus cotidianos para dentro da sala de aula, sendo o professor muitas vezes a única pessoa com quem o estudante consegue “desabafar” e ser ele mesmo (idem, p. 266). “Identificar necessidades, demonstrar atenção às dificuldades e problemas dos estudantes são maneiras bastante refinadas de comunicação afetiva.” (Ibidem, p. 266)

os alunos, nas diferentes séries/anos pesquisados, ao identificarem as preocupações dos professores com os aspectos apontados, dão pistas de que há o reconhecimento, por parte dos professores, da necessidade de se trabalhar com o que surge no entorno do processo de aprendizagem dos conteúdos específicos, pois esses aspectos interferem e influenciam a aprendizagem de tais conteúdo. (Leite e Tassoni, p 266, 2013).

Ainda que a escola seja um lugar que tenha um compromisso maior com o processo de transmissão e produção de conhecimento, pode-se afirmar que “as relações afetivas se evidenciam, pois, a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente” (Almeida, 1999, p. 107, *apud* Leite e Tassoni, 2002, p. 13).

e) As formas de corrigir e avaliar. Pode-se dizer que as avaliações afetam as formas de pensar, a produção acadêmica e a percepção que o estudante tem de si mesmo. Sendo assim, a forma como o professor aplica suas avaliações e realiza suas correções, pode afetar o futuro desempenho de seus alunos. Na pesquisa, destacou-se maior preocupação dos estudantes no processo de correção, do que na avaliação em si, dando ênfase a importância da intervenção pedagógica nesse processo de correção. O professor ao realizar a correção, precisa mostrar clareza, explicar com detalhes para os alunos, para que eles não se sintam inseguros (Leite e Tassoni, 2013, p. 266).

Durante as atividades realizadas em sala de aula, os estudantes se sentem mais seguros e confiantes quando o professor tem maior proximidade com eles, observando como estão realizando as atividades; se precisam de ajuda; se compreenderam; corrigindo individualmente para que o estudante tire suas dúvidas; incentivando e explicando, produzindo nos estudantes

sentimentos de acolhimento e respeito, fazendo com que eles se sintam seguros, de forma que o estudante compreenda que a sala de aula é o lugar onde ele deve tentar sem medo, pois não será julgado se errar, ao contrário, terá no professor alguém para ensiná-lo (Idem, 2013, p. 266)

f) A repercussão na relação aluno-objeto de conhecimento. As diferentes práticas pedagógicas realizadas pelos professores, influenciam na relação dos estudantes com os objetos de conhecimento. O modo como o professor se posiciona em sala de aula e a forma dele explicar o conteúdo, interfere na compreensão do estudante e na relação que o estudante estabelece com a matéria. Em outras palavras, pode-se dizer que se o estudante gostar do professor, ele passa a gostar do conteúdo também, podendo ser o contrário, deixando de gostar de algum conteúdo/matéria, por não gostar do professor.

Os estudantes deixam de ter interesse no conteúdo quando professores não consideram as necessidades da turma, não dão espaço para que eles participem, não disponibilizam espaço para que coloquem suas opiniões, para que também sejam protagonistas em seu processo de aprendizagem.

É importante para o estudante ter o incentivo de seu professor, que este demonstre interesse pelo conteúdo que está ensinando, de forma a estimular os seus estudantes a se interessarem também, não somente colocando o conteúdo na lousa para ser copiado, mas explorando o assunto com entusiasmo, trabalhando de forma dinâmica, dando oportunidades para que os estudantes também contribuam para a aula, dando opiniões e sugestões, trazendo sua realidade e cotidiano para a sala de aula, compartilhando experiências e conhecimentos. “Quando o vínculo é positivo, a relação do estudante com a disciplina tende a ser, também, afetivamente positiva” (Leite e Tassoni, 2013, p. 267).

g) Os sentimentos e percepções do estudante em relação ao professor. Nesse ponto destacou-se características do comportamento do professor que são valorizadas pelos alunos. A primeira a ser destacada, é a paciência. O professor ao ter paciência para ensinar e explicar as mesmas coisas por diversas vezes, mantendo a calma e transmitindo isso ao estudante ajuda em sua aprendizagem.

Saber ser descontraído, ter senso de humor e ser divertido, são características que assim como a paciência, auxiliam no processo de aprendizagem, pois ajudam a aliviar a tensão em situações difíceis. O carinho e a atenção que os professores dão aos seus estudantes também contribui para a aprendizagem, assim como quando os professores elogiam cada aluno, por menor que seja o feito realizado por ele (Leite e Tassoni, 2013, p. 268).

É de extrema importância promover uma relação em que os aspectos afetivos e cognitivos se complementem, para que de fato ocorra a aprendizagem. “O professor precisa criar condições afetivas para o estudante atingir a plena utilização do funcionamento cognitivo, e vice-versa” (Almeida, 2004, p. 126, *apud* Leite e Tassoni, 2013, p. 269)

Sendo assim, o professor sendo o responsável pela mediação entre aluno-processo de aprendizagem, deve sempre trabalhar com sentimentos de acolhimento, respeito, valorizando cada estudante e sua individualidade, tendo em vista que a afetividade está presente em todos os momentos, trazendo impactos positivos ou negativos para os alunos.

CAPÍTULO 2 - CONTRIBUIÇÕES DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Na tentativa de descrever situações em que a afetividade se estabelece na relação professor-aluno e contribui para o desenvolvimento e aprendizagem do estudante foi realizada a análise do filme “Como estrelas na terra”, lançado em 2007. Esse longa metragem indiano é protagonizado por uma criança com dislexia¹ que passa por desafios tanto em casa quanto na escola.

O filme conta a história de Ishaan Awasthi, um menino de nove anos de idade, que mora com seus pais, Nandkishore e Maya Awasthi e seu irmão mais velho Yohaán. Fica evidente a comparação entre os irmãos, pois o mais velho apresenta um bom desempenho escolar, possui as melhores notas na escola, se destacando por sua inteligência e dedicação aos estudos e ao esporte que pratica.

Já Ishaan apresenta dificuldade na aprendizagem e está cursando pela segunda vez, a terceira série. Quando a professora pede ao estudante que leia o texto do livro didático, Ishaan tem uma visão de as letras dançarem para ele, não conseguindo colocá-las em ordem, o que faz com que a professora chame sua atenção na frente de todos da turma o deixando a criança constrangida quando seus colegas de classe começam a zombar dele.

Neste capítulo será apresentada a importância de se estabelecer um vínculo afetivo entre professor e estudante e o quanto contribui para auxiliar a criança atípica nos desafios que enfrenta no ambiente escolar. A construção desse vínculo promove o sentimento de acolhimento e pertencimento ao grupo e conseqüentemente contribui para sua aprendizagem.

¹ A Dislexia é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas. (Definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association, em 2002 e pelo National Institute of Child Health and Human Development – NICHD). Disponível no site da Associação Brasileira de Dislexia – ABD. <https://www.dislexia.org.br/quem-somos/>. Cabe destacar que não é objetivo desse trabalho aprofundar questões relacionadas a dislexia, sendo o objetivo do trabalho analisar a influência da afetividade no processo de aprendizagem na Educação Básica.

2.1. Os desafios enfrentados no ambiente escolar por uma criança atípica

Sabe-se que toda criança ao se deparar com situações diferentes pode demonstrar dificuldades para desenvolver as atividades, pois ainda não tem o conhecimento e habilidade para tal, o que demanda paciência por parte do professor, entendendo que esse momento faz parte do processo ensino-aprendizagem e que logo essa imperícia será substituída pelo conhecimento. Esse estágio já é desafiador para a criança típica, mas para uma criança que tem outra percepção de mundo, essa dificuldade pode ser ampliada.

Neste trabalho a criança Ishaan é considerada uma criança atípica por enxergar o mundo com outros olhos, criando situações imaginárias com muita facilidade, demonstrando tamanha criatividade como por exemplo, quando durante o banho se imagina como Capitão Ishaan pilotando sua nave, ou durante uma avaliação de matemática enxerga “3 X 9” como uma missão em colocar o terceiro planeta dentro do nono, e quando há uma colisão entre os planetas, entende que a resposta da questão é 3, pois foi o planeta que “sobreviveu”. Ou mesmo, quando não consegue fazer a leitura do texto que sua professora pediu, pois enxerga as letras dançarem para ele.

Lopes (2016, p.23) explica o desenvolvimento típico, aquele que ocorre dentro dos padrões esperados por apresentar “uma estrutura biológica perfeita em conjunto com um ambiente que propicia o desenvolvimento das capacidades físicas e cognitivas do indivíduo”. E o desenvolvimento atípico, como um “desenvolvimento fora do que é esperado para a sua faixa etária, seja desenvolvimento, físico ou emocional.” (idem, 2016, p.20), nesses casos, ocorre “uma estrutura biológica limitada, podendo-se conjugar com um ambiente que não estimula ou é limitador do desenvolvimento” (ibidem, 2016, p.24).

Considerando sua faixa etária, Ishaan se encontra no estágio “categorial” de acordo com Wallon, onde deveria desenvolver a capacidade de memória e atenção, substituir as atividades espontâneas por atividades intencionais. Tais aspectos não são verificados no início do filme, deixando evidente a sua dificuldade de adaptação ao ambiente escolar. Também fica evidente o despreparo de seus professores, que ao compará-lo com o restante da turma, classificam a criança como “burro”, sem ao menos tentar outras estratégias

didáticas ou realizarem investigações para verificar o que pode causar a dificuldade apresentada.

É uma função atribuída aos professores, segundo o Plano Nacional de Educação – PNE (Brasil, 2001 *apud* Cortes; Oliveira; Santos, 2021, p. 175), identificar estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD), para o atendimento adequado de suas necessidades. Uma das características que definem os estudantes com AH/SD, é a elevada criatividade e um dos transtornos específicos que os estudantes podem ter, é a dislexia, transtorno identificado em Ishaan por um novo professor que a criança passar ter contato ao longo do filme.

Mas, por suas notas baixas, seus professores se referem a ele como “burro”, “preguiçoso” e até mesmo chegam a usar o termo “retardado” (termo utilizado no século XX para se referir às pessoas com deficiência intelectual, para justificar o insucesso escolar, mas que deixou de ser usado em 2004), para insinuar que ele tem algum “problema”. Presos aos rótulos os professores não percebem que através das artes, Ishaan consegue se expressar melhor, desenvolvendo sua criatividade o tempo todo.

Nos estudos desenvolvidos pelo pesquisador Sérgio Antônio da Silva Leite da Universidade Estadual de Campinas juntamente com o Grupo de pesquisa Afeto, é indicado que

a mediação pedagógica possibilita ao estudante apropriar-se com sucesso do objeto – o que chamamos de aprendizagem com sucesso, a qual é percebida pelo estudante – aumentam as possibilidades de se estabelecer um vínculo afetivo positivo – de aproximação – entre o estudante e o objeto/conteúdo desenvolvido. Portanto, a aproximação positiva entre o estudante e os conteúdos estudados depende, em grande parte, da consciência que o mesmo desenvolve sobre o sucesso do seu processo de aprendizagem (Leite, 2012, p. 362).

O tratamento rígido e de cobrança nos estudos repete-se no ambiente familiar, o pai de Ishaan tem uma postura severa em relação aos estudos, o trata da mesma maneira que seus professores e mais do que isso, em determinado momento, utiliza de agressão física contra o menino, apesar de culpar a escola por não conseguir alfabetizar seu filho. Por essa razão e por medo de que o menino seja expulso ao final do ano letivo, decide colocá-lo em um colégio interno. Ishaan não gostou da ideia e tenta convencer a mãe a deixá-lo ficar em

casa, mas a decisão já foi tomada por seu pai. Ishaan chora ao ser deixado no colégio e demonstra estar se sentindo abandonado por seus pais.

No colégio interno o ensino é mais rígido e Ishaan é cobrado o tempo todo por seus professores, e suas notas continuam iguais, sem nenhuma melhora na aprendizagem. Em determinado momento, em uma aula de arte, Ishaan que está distraído olhando para fora da janela, é surpreendido quando seu professor lhe joga um pedaço de giz de lousa, para chamar sua atenção. Ao perceber que o menino não está atento, o professor utiliza de violência física, usando uma régua de madeira como uma palmatória e bate em suas mãos.

A partir desse momento, Ishaan começa a duvidar de si mesmo, o que lhe causa grande desânimo. Isso piora quando seus pais deixam de visitá-lo para acompanhar seu irmão em uma competição de tênis. Ele, que já tinha dificuldades para socializar, passa a se excluir e deixa até mesmo de falar com quem quer que seja, passando a apenas “existir”. Ao adotarem a postura descrita acima os professores de Ishaan deixavam de considerar que:

Problemas emocionais, bem como provisão inadequada de materiais e de oportunidades de aprendizagem podem contribuir para o baixo desempenho de qualquer criança, o que pode ser exacerbado por incompatibilidade entre os estilos de aprendizagem (da criança), e de ensino (o professor). (Brasil, 2006, p. 51 *apud* Cortes; Oliveira e Santos, 2021, p. 185)

Quando o professor de arte é substituído pelo professor Ram Shankar Nikumbh, as coisas começam a mudar para Ishaan. Ao contrário de todos os outros professores, Ram trabalha de uma forma lúdica com seus alunos, chega fantasiado logo na primeira aula, tocando flauta e os envolvendo. Todos os alunos, com exceção de Ishaan, participam alegremente da aula, onde o professor pede a eles que façam um desenho livre, deixando a imaginação fluir. É nesse momento que Ram percebe que Ishaan não está participando, e mesmo depois de tentar conversar com ele, não obtém nenhuma reação ou resposta, e então o professor se afasta, sem forçá-lo a participar.

Ao encontrar o estudante parado em frente a porta de uma sala de aula, o professor se preocupa, percebendo que tem algo errado com ele. O professor pergunta ao colega de classe de Ishaan, o que ele tem, e o estudante conta

sobre as dificuldades de Ishaan, dizendo que em seus cadernos, só tem anotações vermelhas, dizendo que ele não sabe ler e escrever.

Na sala dos professores, Ram pergunta aos seus colegas sobre Ishaan, que respondem a ele dizendo que o estudante não consegue aprender de maneira alguma. Ao olhar o caderno do menino, percebe o mesmo erro em comum em todas as atividades, o que traz ao professor um esclarecimento da dificuldade que o estudante enfrenta. Além do colégio, Ram também é professor em uma escola de Educação Especial, e diferente dos demais, conhece um pouco mais sobre as condições que podem dificultar o desenvolvimento das crianças.

Por saber da importância em compreender a situação do Ishaan para ajudá-lo em seu desenvolvimento, o professor decide ir à casa de Ishaan, para conversar com os pais da criança. Durante a visita, o professor tem acesso aos antigos cadernos do estudante e percebe que o mesmo erro está presente em todos. Também tem a oportunidade de descobrir o talento que Ishaan tem para as artes, quando vê seus desenhos espalhados por todo o quarto. Ele se sente mal ao perceber que o estudante não tem desenvolvido seu talento, pois no colégio deixou de desenhar e pintar.

Ao analisar todo o material que tem acesso, o professor chega à conclusão de que Ishaan tem dislexia e por esse motivo não consegue compreender e reconhecer as letras e os números. E por ter formação específica e atuar com outras crianças atípicas, o professor consegue analisar pelo comportamento e desempenho do aluno, a intensidade e consistência das características que são apresentadas por estudantes com AH/SD.

Ao contar aos pais sobre a dislexia, a primeira reação do pai é não aceitar, dizer que o filho não é “retardado” e “anormal”. O professor explica brevemente sobre a dislexia, deixando claro que o atraso na aprendizagem de Ishaan não é por ele ser burro ou preguiçoso, como o pai acha. Ao falar sobre o talento que Ishaan tem para as artes o pai logo retruca, dizendo que isso não fará o menino competir, não trará sustento a ele.

Pode-se perceber que a preocupação do pai, está relacionada ao mercado de trabalho, a forma como Ishaan irá se sustentar quando for mais

velho. Para ele, é importante que o filho tenha um conhecimento utilitário para que tenha oportunidades de trabalho quando crescer. Porém, observa-se que a falta de conhecimento leva a negação de que seu filho tenha algo, pode ser uma das causas do atraso no desenvolvimento do menino, pois não permite que ele seja ensinado de outra maneira, a não ser da forma como todas as pessoas aprendem, pessoas consideradas “normais” aos olhos dele.

Uma das dificuldades enfrentadas por estudantes atípicos é a negação da família em aceitar e buscar especialista para investigação e possível diagnóstico, muitas vezes por medo do desconhecido, mas que de certa forma adia o desenvolvimento da criança. É preciso reconhecer que o diagnóstico contribui para que sejam oferecidas melhores condições de desenvolvimento para a criança, visto que um estudante atípico tem assegurados e deve receber uma educação de qualidade como os demais estudantes, conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases – LDB (1996):

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: I- Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades.

Apesar dos estudantes atípicos terem garantido o acesso nas escolas regulares, com o objetivo de oferecer participação e aprendizado, geralmente enfrentam a dificuldade em serem vistos por alguém disposto a ajudá-los. Um professor que tenha a sensibilidade de olhar sua especificidade e buscar entender onde está sua dificuldade, o motivo por trás do “chamado atraso”, da “falta de atenção” e do baixo desempenho. Alguém que vai olhar para estes estudantes e buscar métodos e estratégias para auxiliar no seu desenvolvimento.

2.2 A construção do vínculo afetivo: planejamento, compreensão e acolhimento

Ao acreditar que o vínculo afetivo contribui para a aprendizagem do estudante, independente das concepções teóricas, ao realizar seu planejamento o professor deve tomar algumas decisões para garantir o envolvimento dos

estudantes com os conteúdos apresentados. Leite (2012) indica algumas dessas decisões e seus possíveis impactos. São elas:

a) a escolha dos objetivos de ensino; b) a decisão sobre o início do processo de ensino; c) a organização dos conteúdos de ensino; d) a escolha dos procedimentos e atividades de ensino; e) a escolha dos procedimentos de avaliação do ensino (Leite, 2012, p. 363).

Ao falar da escolha dos objetivos de ensino, Leite (2012) faz menção à importância de relacionar o objetivo com algo que seja relevante para os alunos, de forma que eles possam identificar a importância daquilo, seja para sua vida, seja para o futuro profissional ou para a sociedade em que vive e, fazendo a escolha dos objetivos por essa perspectiva, “aumenta as possibilidades de que se estabeleçam vínculos afetivos positivos entre os estudantes e os objetivos abordados” (Leite, 2012, p. 363).

Essa etapa é observada durante o filme, na prática do professor Ram Shankar, que ao reconhecer a dificuldade de Ishaan, adotou novas abordagens de ensino, direcionadas a Ishaan, disposto a ajudá-lo não somente no aprendizado do conteúdo que trabalha, mas de forma interdisciplinar, pensando no desenvolvimento integral do aluno.

Com o objetivo de estimular Ishaan a prosseguir, o professor decide trazer em uma de suas aulas, exemplos de grandes nomes, como Albert Einstein, Thomas Edison, Leonardo Da Vinci, Walt Disney, entre outros, que também enfrentaram dificuldades no período escolar, mas que trouxeram grandes contribuições para a história do mundo, a partir e respeitando seus talentos. É nesse momento do filme que se observa o começo da construção do vínculo afetivo entre o professor e Ishaan, que passa a demonstrar grande interesse na aula, participando ativamente, até mesmo respondendo o professor.

Ao final da aula, Ram Shankar propõe uma atividade ao ar livre para os alunos, e quando os estudantes saem para ir até o local, Ram aproveita a oportunidade de estar a sós com Ishaan para lhe contar que, quando era estudante, assim como os nomes que usou de exemplo na aula, também enfrentou dificuldade na aprendizagem, por esse motivo entende o que Ishaan está passando, pois não teve apoio de seu pai, que desistiu dele. Contudo, ele próprio não desistiu.

Quando o professor utiliza dessa estratégia de ensino, coloca seu olhar sob o aluno, que percebe a atenção recebida pelo professor, onde ele enxergou em Ishaan o que nenhum outro professor ou até mesmo seus pais haviam enxergado. E ainda assim, olhando para a dificuldade de Ishaan, o professor não recuou, fez com que ele se sentisse importante, tendo alguém olhando por ele, e assim, não se sentindo mais sozinho.

Na atividade proposta pelo professor Shankar realizada à beira do lago, solicitando que os estudantes produzam o que quiserem, mas somente com materiais encontrados ali na natureza ao redor deles, Ishaan é o primeiro a terminar, o menino utiliza materiais para montar um pequeno barco, o que deixa todos os seus colegas impressionados. Dessa forma, observa-se segundo os dados das pesquisas realizadas pelo Grupo do Afeto (Leite, 2012) a etapa de “decisão sobre o início do processo de ensino”, ou seja, a possibilidade de sucesso no processo de aprendizagem do estudante é maior quando se inicia o ensino a partir do que o estudante já sabe e tem domínio.

Essas pesquisas ressaltam a importância de o professor realizar uma avaliação diagnóstica com seus estudantes sobre os conteúdos essenciais, mostrando que a ausência de uma avaliação atenta pode aumentar a chance de insucesso no início do processo de ensino-aprendizagem, o que é observado com frequência nas escolas, quando o professor decide iniciar seu trabalho de um ponto que está além daquele que os estudantes conhecem (Leite, 2012).

Logo depois dessa aula ao ar livre, o professor vai conversar com o diretor do colégio, para contar a ele sobre a dislexia de Ishaan e pedir uma chance de ensiná-lo, pois possui conhecimento sobre a dificuldade do aluno e meios para auxiliá-lo e atender suas necessidades.

O diretor reluta no começo, mas o professor não desiste, chegando a questioná-lo sobre os direitos que o estudante tem de estar na escola como qualquer outro aluno. O professor Shankar entende que é papel da escola criar oportunidades para que o estudante possa se desenvolver. A argumentação feita pelo professor pode ser encontrada também no contexto da educação no Brasil como previsto nas recomendações para a construção de escolas inclusivas, documento publicado pela Secretaria de Educação Especial:

Oferecer ao estudante oportunidades de desenvolver seu potencial pleno e de acordo com suas potencialidades é o desafio da escola, que voltada para uma educação para todos, exige uma ação pedagógica transformadora, com metodologias mais abrangentes às necessidades e interesses, como alternativa de se propor a oferecer aprendizagens não centradas no professor, mas significativas para o aluno, respeitando as suas particularidades. (Brasil, 2006, p. 23)

Nesse ponto do filme, após o diretor ceder aos pedidos do professor e dar uma chance para que faça um trabalho adequado às necessidades de Ishaan, observa-se que o professor Ram põe em prática a “organização dos conteúdos de ensino” (Leite, 2012, p. 363), onde ele passa a trabalhar de forma sequenciada, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar e lúdico, respeitando as dificuldades e auxiliando no desenvolvimento de Ishaan. Nesse momento, o olhar e postura do menino já estão diferentes, com um olhar mais esperançoso, cheio de vontade e dedicação para aprender.

Juntamente com a “organização dos conteúdos de ensino”, é possível observar a “escolha dos procedimentos e atividades de ensino” (Leite, 2012, p. 363), do professor, quando decide utilizar atividades lúdicas e dinâmicas para nas propostas pedagógicas, sendo essa a forma mais clara que o estudante consegue assimilar os conteúdos, pois é a forma que enxerga o mundo. As pesquisas de Leite (2012) indicam que atividades adequadas aumentam as chances de aprendizado e aumentam também a relação afetiva de aproximação do estudante com os conteúdos envolvidos.

A forma como o professor se dedica a ensinar Ishaan, começa a mostrar resultados quando o estudante passa a se dedicar aos estudos, demonstrar interesse nas aulas, realizar as atividades propostas e mostrar a evolução a cada aula. Avanços que são fruto do planejamento adequado e da relação afetiva construída entre professor-aluno no processo de aprendizagem. Processo iniciado quando o professor demonstrou interesse por seu aluno, mostrando a Ishaan que assim como qualquer outro estudante do colégio, ele também é capaz de aprender. Conforme ressalta Leite (2012):

[...] nas atividades de ensino concentra-se, concretamente, grande parte da carga afetiva da sala de aula, através das relações interpessoais entre professores e alunos: olhares, posturas, conteúdos verbais, contatos, proximidade, tom de voz, formas de acolhimento, instruções, correções, etc. constituem aspectos da trama de relações interpessoais que implicam em um enorme poder de impacto afetivo no aluno, positivo ou negativo, dependendo da forma como essas

interações são vivenciadas. Daí a relevância dessas decisões: afinal, elas se referem às formas concretas como as relações face a face são vividas e percebidas em sala de aula (Leite, 2012, p. 364).

A “escolha dos procedimentos de avaliação do ensino” (Leite, 2012, p. 365), feita pelo professor, é a realização das atividades feitas por Ishaan enquanto aprendia, de forma que a cada aula o professor podia ver a evolução do aluno, o empenho e dedicação em realizar as tarefas e o compromisso com a aprendizagem, até mesmo quando não estava com o professor se mantinha empenhado em aprender. Dessa forma, ao final do ano letivo, Ishaan conseguiu concluir todas as disciplinas.

O professor organiza então um concurso de pintura para toda a comunidade escolar, incluindo corpo docente e direção do colégio. Os demais professores chegam relutantes, mas logo se empolgam e passam a realizar as pinturas com alegria, deixando de lado a rigidez, aproveitando o dia com os estudantes de uma forma mais espontânea, se divertindo com eles.

Nesse concurso, Ishaan se expressa através da arte, fazendo um lindo quadro da paisagem da beira do rio. O professor Shankar, por sua vez, faz também um lindo desenho, uma homenagem ao menino, desenhando seu rosto e o deixando emocionado. No final do concurso, Ishaan é o vencedor e é aplaudido por todos ali presente, o que o deixa um pouco envergonhado, mas muito emocionado e feliz. Ao receber o certificado, ele corre para abraçar o professor, que retribui o abraço com muito amor.

Ao final do ano letivo, os pais chegam ao colégio para buscá-lo e recebem o anuário com o desenho de Ishaan na capa e o desenho feito pelo professor na contracapa. Ao conversar com os professores, os pais são surpreendidos pela grande evolução do filho, que concluiu o ano com boas notas, sendo elogiado por todos os professores, que responsabilizaram o professor Shankar pelo grande feito. O filme termina com um lindo abraço entre professor e aluno, cujo olhar atencioso, afeto planejamento adequado foi de grande influência para a aprendizagem da criança.

2.3 A afetividade como recurso para promover a aprendizagem

Segundo Barbosa (2020, p. 1) um dos fatores que favorecem o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem, é a afetividade, pois através da interação com o outro acontecem as trocas de experiências, onde o estudante pode aprender através dos sentimentos e emoções.

Assim, o professor que entende a importância da afetividade, utiliza dela como um recurso para promover a aprendizagem de forma positiva, pensando na melhor forma de ajudar a sua turma a se desenvolver, permitindo aos estudantes demonstrarem seus sentimentos, sejam eles positivos ou não, em relação ao conteúdo proposto, para que sejam realizados os ajustes necessários de acordo com a necessidade da turma.

Observa-se na prática do professor Shankar, estratégias para trazer os estudantes para perto, despertando o interesse ao utilizar propostas e recursos que eles gostam, que fazem parte do cotidiano, da realidade deles. Também realizando dinâmicas diferentes, uma forma diferente de conversar com seus alunos, como em sua primeira aula, aonde o professor chega em sua sala fantasiado, tocando flauta, permitindo que os estudantes saíssem de suas carteiras para participar da música, se expressando através da dança e nas realizações das atividades lúdicas.

Segundo Leite (2012), diferentes autores como Fernandez, 1991; Dantas, 1992; Snyders, 1993; Freire, 1994; Codo e Gazzotti, 1999 propõem que

[...] o afeto é indispensável na atividade de ensinar, entendendo que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas pelo desejo e pela paixão e que, portanto, é possível identificar e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem (Leite, 2002, p. 2).

Dessa forma a preocupação com os conteúdos a serem ensinados, também passa a ser com o modo de ensinar, a dinâmica e estratégias a serem utilizadas em sala de aula.

Um exemplo de estratégia é a forma como o professor utilizou de atividades lúdicas para ensinar ao Ishaan, como a caixa de areia sensorial, para que ele pudesse sentir a escrita das letras, letras essas que eram ditadas pelo professor, mas de palavras conhecidas pelo aluno, como por exemplo avião e elefante; pintura das letras do alfabeto com tinta; massinha de modelar para criar

figuras, letras e números; trabalho em um quadro quadricular, para enquadrar os números do tamanho do quadrado; leitura; jogos pedagógicos, matemática nos degraus do colégio, onde os números foram escritos com giz de lousa, entre outras atividades.

Essa postura do professor reforça o que diz Carvalho (2006):

A criatividade do professor somada à sua convicção de que a aprendizagem é possível para todos os estudantes e de que ninguém pode estabelecer limites do outro, certamente contribuirão para remover os obstáculos que tantos e tantos estudantes têm enfrentado no seu processo de aprendizagem (Carvalho, 2006, p. 41 *apud* Cortes; Oliveira; Santos, 2021, p. 188).

É possível observar a afetividade sendo utilizada como recurso, quando o professor se permite ser acessível ao aluno, não sendo somente ele o dono da razão, mas dando oportunidades aos estudantes para que eles se expressem também, compartilhando suas opiniões, dando sugestões e assim aprendendo juntos, construindo um ambiente afetivo de aprendizagem, de modo a contribuir para o desenvolvimento dos estudantes permitindo que eles sejam agentes ativos de sua própria formação.

A atitude do professor em insistir no estudante mesmo quando todos os outros já haviam “desistido” fez toda a diferença, pois o estudante só precisou de uma pessoa que acreditasse nele, para que ele também pudesse voltar a acreditar e se empenhar para avançar em seu desenvolvimento e aprendizado.

O filme também mostra como a falta de conhecimento dos professores pode dificultar o desenvolvimento dos estudantes com dificuldade, por isso a importância de estar sempre buscando conhecimento, sempre aprendendo mais.

O professor passou a buscar formas de ajudar Ishaan, não somente para que ele aprenda a ler e escrever, mas de uma forma integral, trabalhando as três dimensões: motora, afetiva e cognitiva.

Quanto a isso, Wallon diz:

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (Wallon, 2007, p. 198, *apud* Ferreira e Régnier, 2010, p. 29)

A afetividade permitiu ao professor se chegar ao aluno, oferecer ajuda, uma outra forma de aprender, mostrou ao estudante que ele também importa e

que não o abandonaria. Os estudantes precisam disso, de alguém que os façam se sentirem importantes mesmo no meio de tanta gente, porque cada estudante com sua singularidade, é importante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo analisar a influência da afetividade no processo de ensino-aprendizagem na educação básica. Para isso, conceituou-se a afetividade segundo teoria de Henri Wallon, que se baseia em entender a criança de forma completa, compreendendo os aspectos biológico, afetivo, social e intelectual. Teoria essa onde pode-se analisar as características e como a afetividade pode ser trabalhada em cada estágio de desenvolvimento. Também foi analisado situações em que a afetividade se estabelece na relação professor-aluno, para entender como é estabelecido o vínculo afetivo no ambiente escolar, principalmente em sala de aula. A análise do filme indiano “Como estrelas na Terra”, contribuiu para identificar e analisar práticas afetivas adotadas por professores no ambiente escolar e que contribuem para melhor desenvolvimento dos alunos.

Além das contribuições diretas de Henri Wallon, esse trabalho contou com as contribuições de autores como: Mahoney e Almeida, que através de estudos nas pesquisas e teorias de Wallon, contribuíram para definir recursos afetivos de aprendizagem para cada estágio do desenvolvimento; Leite e Tassoni, que através de uma pesquisa de campo realizada em uma escola da rede privada, contribuíram para uma compreensão da afetividade na prática do professor segundo os alunos, mostrando a realidade escolar e como a afetividade pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem.

Diante dos dados obtidos, é possível afirmar que a afetividade tem importante papel no processo de ensino-aprendizagem, pois quando utilizada como um recurso para promover a aprendizagem, resulta positivamente no desenvolvimento integral dos alunos. Cabe ao professor utilizá-la como recurso, colocando em suas práticas pedagógicas ações afetivas no ambiente escolar, de forma a atender as necessidades de seus alunos.

Para melhores resultados no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, é preciso que o professor tenha um olhar atento à sua turma, conhecendo as particularidades de cada aluno, sendo afetivo, de forma acolhedora, criando um ambiente onde o aluno pode se expressar e compartilhar

suas dúvidas, ideias e opiniões, podendo ser protagonista nesse processo, tendo acesso ao professor como alguém que está ali para ajudá-lo em suas dificuldades e não para julgar seus erros.

Dessa forma, pode-se dizer que quando a atenção aos alunos é negligenciada pelo professor, pode ocasionar atrasos em seu desenvolvimento. Quando o professor não se mostra acessível aos alunos, estes tendem a não expressar suas dificuldades, e por essa razão muitos alunos se sentem desmotivados, perdendo o interesse nas aulas e no seu processo de aprendizagem.

Isso também ocorre com alunos atípicos, e por isso a importância das práticas afetivas, para que seja estabelecida uma relação entre professor-aluno, onde o professor terá maior proximidade com sua turma, podendo assim identificar alunos que necessitam de um atendimento especializado, para que se for necessário, haja mudanças em suas práticas, adaptação de recursos para auxiliar no desenvolvimento da criança atípica, para que ela tenha as melhores condições de ensino a seu favor.

Por fim, este trabalho cumpriu seu objetivo inicial, trazendo reflexões importantes sobre a afetividade na relação professor-aluno, relação essa que norteia todo o processo de ensino-aprendizagem, sendo responsável pelo possível sucesso ou insucesso escolar. Faz-se necessário enquanto professores, avaliar as práticas e metodologias pedagógicas utilizadas em sala de aula, para melhor atender os alunos, que são o foco de todo o trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Rubem Alves: A arte de produzir fome. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 out. 2002. Sinapse. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>. Acesso em: 08 dez. 2023.

ASSIS, Letícia Alexandra de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Anderson Oramisio. As contribuições da teoria de Henri Wallon para a Educação. **Cadernos da Fucamp**, v.21, n.52, p.60-75/2022. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2817/1763>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BARBOSA, Eliane dos Santos. Afetividade no processo de aprendizagem. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 41, 27 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/41/afetividade-no-processo-de-aprendizagem>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 20 nov. 2023.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão** : recomendações para a construção de escolas inclusivas. [2. ed.]. Coordenação geral SEESP/MEC. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CORTES, Tanisse Paes Bóvio Barcelos; OLIVEIRA, Sergio Rafael Cortes de; SANTOS, Caroline Cortes de Oliveira dos. Como estrelas na Terra: altas habilidades/superdotação na perspectiva da educação inclusiva. **InterSciencePlace**, [S.l.], v.16, n. 3, 2021. Disponível em: <http://www.interscienceplace.org/index.php/isp/article/view/66>. Acesso em: 11 nov. 2023.

DANTAS, H. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus Editorial Ltda. 1992

DOURADO, I.C.P; PRANDINI, R.C.A.R. Henri Wallon: psicologia e educação. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**. São Paulo, n. 5, p. 23-31, ago. 2012. ISSN 2316-3852. Disponível em: http://fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/110. Acesso em: 24 jun. 2023.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M., Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar em Revista**, n. 36, p. 21-38, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/9jbsbrcX4GygcRr3BDF98GL/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 15 abr. 2023

LEITE, S. A. S. & TAGLIAFERRO, A. R. A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2005 Volume 9 Número 2 247-260. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/g5mCH3rbzBV4r56Mbwv8pWg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2023.

LEITE, S. A. S. & TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In R. G. Azzi & A. M. F. A. Sadalla, (orgs.). **Psicologia e formação docente: desafios e conversas** (p. 113-141). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LEITE, S. A. S. & TASSONI, E. C. M. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. **Educação**. Porto Alegre, impresso, v. 36, n. 2, p. 262-271, maio/ago. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/jusal/Downloads/admin,+Educ+36-2+-+12+-+final+2+on%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/jusal/Downloads/admin,+Educ+36-2+-+12+-+final+2+on%20(1).pdf). Acesso em: 10 out. 2023.

LEITE, S. A. S. Afetividade nas práticas pedagógicas. **Temas em Psicologia** – 2012, Vol. 20, no 2, 355 – 368. Disponível em: <file:///C:/Users/jusal/Downloads/LEITE.Afetividade%20nas%20práticas%20pedagógicas.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

LEITE, S.A. da S.; TASSONI, E. C. M. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. **Educação**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 262-271, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/9584>. Acesso em: 11 nov. 2023.

LOPES, A. **Desenvolvimento atípico, acesso à educação de qualidade**. (Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, São Carlos). 2016. Consultada em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/55/55136/tde-24112016-202747/ptbr.php>. Acesso em: 20 nov. 2023.

MAHONEY, A.A. Introdução. In: MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L.R. de. **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Loyola, 1999. pp. 9-17.

MAHONEY, Abigail Alvarenga e ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação [online]*. 2005, n.20, pp. 11-30. ISSN 1414-6975. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=s1414-69752005000100002. Acesso em: 17 set. 2023.

MARTINS, A.C. A.; SANTOS, R.O.F. Afetividade nas relações educativas: uma abordagem da educação infantil. **Revista Educação Pública**, v.20, n.44, 17 nov. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/44/afetividade-nas-relacoes-educativas-uma-abordagem-da-educacao-infantil> Acesso em: 1 maio 2023.

MEDEIROS, Maria Fabrícia de. O papel da afetividade na relação professor e estudante e suas implicações na aprendizagem. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp.2, p. 1165-1178, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10179/7023>. Acesso em: 30 abr. 2023.

PLACCO, V.M.N.S. Apresentação. In: MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L.R. de. (orgs.) **Afetividade e aprendizagem**: contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

RIBEIRO, Rosa dos Santos. **A afetividade no ensino fundamental**: o estado do conhecimento e as contribuições de Piaget e Wallon. 2017. 218 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3940/2/ROSA%20DOS%20SANTOS%20RIBEIRO.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

TASSONI, E.C.M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. Anuário 2000. GT Psicologia da educação, **Anped**, setembro, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2023.